

COLEÇÃO ESTUDOS DA CIDADE



## Espaços tirânicos: jovens, agressão e periferia urbana

Publicado em RIO ESTUDOS n° 19

junho - 2001



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Secretaria Municipal de Urbanismo

Instituto Pereira Passos

Diretoria de Informações Geográficas

*A agressão na periferia de grandes cidades*

*Este número do **Rio Estudos** apresenta o trabalho “Espaços tirânicos: jovens, agressão e periferia urbana”, dos pesquisadores Percy-Smith & Hugh Matthews, do Centro para Infância e Juventude da Universidade de Northampton, Inglaterra. Estuda o comportamento agressivo de jovens moradores da periferia de uma grande cidade em relação a outros jovens residentes no mesmo lugar e mostra como certos locais tornam-se “espaços tirânicos”, áreas que representam perigo e, portanto, devem ser evitadas, diminuindo assim as opções de lazer e convívio social.*

*As soluções propostas pelos pesquisadores recaem em estratégias com a participação dos envolvidos – agressores e agredidos – e da comunidade. Só com o engajamento de todos, as causas da violência podem ser desvendadas. E este seria o passo fundamental e efetivo na busca de uma melhor qualidade de vida.*

## **ESPAÇOS TIRÂNICOS: JOVENS, AGRESSÃO E PERIFERIA URBANA**

---

*Percy-Smith / Hugh Matthews*

O presente estudo tem por base as pesquisas de campo feitas com um grupo de crianças da área urbana de uma grande cidade da região de East Midlands, no Reino Unido. Nossa atenção se prende a uma questão que tem sido muito pouco examinada, as agressões que acontecem na periferia. Vimos que algumas crianças, por estarem próximas de outras na mesma área, entram em conflito e são agredidas de tal maneira que sua experiência de uma determinada localidade pode ser severamente influenciada de forma negativa. Para os jovens agredidos, tais ambientes se tornam espaços tirânicos, definidos como “áreas que devem ser evitadas”, pois representam perigos e ameaças. Essas regiões não são poucas e, a exemplo de diversos ambientes escolares, muitas têm sido reconhecidas e citadas com frequência. Em cada uma dessas muitas localidades há uma região de medo “oculta”, esperando ser descoberta.

O texto está dividido em cinco partes: em primeiro lugar, examinamos rapidamente o conceito de agressão, em especial no que se refere a jovens nas escolas; em segundo lugar, estendemos essas idéias para um contexto de redondezas, baseados em teorias recentes sobre “eu”, “outros” e microgeografias (regiões); em terceiro lugar esboçamos o projeto de pesquisa a partir do qual o texto se desenvolve; em quarto lugar, examinamos algumas evidências empíricas a partir de um estudo de caso urbano que chama a atenção para a forma e conseqüências de agressões; por fim, discutimos a relevância dessas descobertas para políticas futuras e obtenção de experiência, especialmente na administração da periferia das cidades.

Nossa proposta é de que estratégias locais aplicadas sistematicamente possam, através de uma abordagem da comunidade, lidar com o problema de agressões na periferia, onde for necessário, especialmente aquelas que envolvem jovens e adultos. Nesta seção mostramos as diferentes maneiras como a agressão ocorre e seu modelo espacial, examinamos suas dimensões sociais e refletimos sobre o dilema de como os jovens respondem a esse tipo de problema.

## Tipos de Agressão

### Introdução

Ao contrário do que é comumente divulgado pela mídia no Reino Unido, muitas crianças das áreas urbanas continuam a usar a rua como um importante local social de encontro. Embora haja evidência de uma evasão das ruas por algumas, sendo esse fato em parte decorrente do medo dos pais dos perigos das ruas (Valentine, 1966), para um número considerável de jovens elas ainda permanecem sendo uma referência importante em sua vida diária (Percy-Smith, 1999; Matthews et al. 2000). No presente artigo, consideramos as experiências de rua de um grupo de crianças urbanas vivendo numa grande cidade de East Midlands. Nossa atenção se volta para uma questão que raramente tem sido examinada: agressões.

### Noções de agressão

No Reino Unido, o Departamento para Educação e Utilização de Medidas Antiagressão em Escolas (DfEE's, 1994) identifica três traços em comum nas brigas: trata-se de um comportamento deliberadamente pernicioso; é freqüentemente repetido por um determinado período de tempo; e é difícil a possibilidade de defesa para aqueles que estão sendo ameaçados. Tal como argumenta Olweus (1993), se dois alunos de igual poder ou força têm uma rixa ou briga ocasional, isso não pode ser considerado agressão. Johnstone et al. (1991, p.3) define provocação como “o desejo intencional, consciente de ferir, ameaçar ou assustar alguém, da parte de um aluno com algum tipo de poder sobre a vítima”. Ou como Randall (1988, p.8) define, através “do agressivo e sistemático abuso de poder”. Já Claire (2000, p.5) baseia-se na noção de intenção de ferir ao afirmar: “Agressão é violência física, verbal ou psicológica, conduzida por um indivíduo ou grupo, e dirigida a um indivíduo que não é capaz de se defender, seja ele ou ela, da situação real.”

A agressão pode ser de grande ou pequena duração. Pode ser parte de um comportamento competitivo sociável e aceitável, que faz com que algumas pessoas se sintam inferiores ou que cause aflição. Parte da aflição da vítima é causada pela sua ansiedade com receio de futuros ataques.

A agressão também pode tomar outras formas: agressão física (bater, chutar ou levar pertences de alguém); agressão verbal (xingamentos, insultos ou comentários racistas); e agressões indiretas (excluir alguém de grupos sociais ou espalhar histórias desagradáveis). Porém, é possível dizer que esses tipos de comportamento são parte do crescimento, à medida que as crianças aprendem, formam sua identidade e desenvolvem a capacidade social de testar os limites de seu eu e o dos outros.

Por esse motivo, Birkett (1988) argumenta que, no contexto de supostos casos de abuso sexual de crianças por crianças, enquanto comportamentos particulares de adultos podem constituir abuso, o mesmo comportamento, por parte de crianças, pode, justificadamente, ter a desculpa de se tratar de experimentação natural. O que pode ser aceito por alguns como normas sociais de comportamento infantil agora está sendo contestado em razão de uma crescente consciência do impacto que tal comportamento causa no desenvolvimento individual acumulado. Um dilema ao tentarmos entender a agressão é a dificuldade de se chegar a um entendimento comum do que sejam normas sociais de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis.

Nas estruturas sociais contemporâneas, a agressão vem sendo encarada como um problema. Contudo, existe um paradoxo embutido nessa idéia, como o abuso sistemático de poder que tem, através da História, caracterizado muitos processos de interação social como, por exemplo, por parte dos patrões em locais de trabalho, por professores nas escolas ou por pais em casa, o que, em alguns casos, continua a acontecer.

Até esse ponto, a agressão é um conceito fronteiro cultural e histórico que varia de acordo com cada indivíduo, bem como das presunções sociais dominantes de comportamento aceitável e inaceitável. A atitude autoritária de um adulto para uma criança, por exemplo, pode ser justificada como uma forma aceitável de socialização, enquanto para outros a mesma ação será vista como abuso. Do mesmo modo, um gerente autoritário pode justificar suas ações como uso razoável de poder a fim de assegurar um resultado desejado, enquanto o funcionário é capaz de perceber o mesmo ato como uma intimidação.

Swain (1998) sugere que qualquer ato de agressão envolve domínio e submissão. Portanto, a agressão pode existir sempre que um poder desigual diferenciado, imaginado ou real, ocorra. Isto pode acontecer de acordo com a compleição física, inteligência, idade, capacidade, sexualidade, raça, classe, gênero, cultura, conhecimento, status, força de personalidade ou força bruta.

Estas perspectivas não se destinam a fazer uma declaração definitiva sobre o que é agressão, e sim tentar chamar atenção para o dilema de compreender e responder à agressão como fenômeno social. Swain (1998) reconhece que a expressão é ambígua e de difícil definição com referência ao próprio entendimento do termo por alunos e professores num ambiente escolar. Ambigüidade, diversidade e inconsistência ao se interpretar a agressão exacerbam as dificuldades para encontrar soluções. Isso é especialmente verdadeiro no contexto dos arredores urbanos, onde a agressão surge a partir de um complicado entroncamento de idade, nível social, raça e gênero, juntamente com local, subjetividade e identidade nas quais os jovens competem para usar o espaço público.

Têm sido feitas algumas tentativas para identificar perfis sociais típicos de vítimas e agressores. As vítimas mais prováveis são aquelas que, por várias razões, são menos capazes de manter um sentido de sagacidade e de auto-determinação em determinada situação. Em geral são indivíduos com baixa auto-estima, diferentes da maioria em algum aspecto muito óbvio, detentores de uma fraqueza bem evidente, tímidos e sem amigos próximos (DfEE, 1994). Em oposição, os agressores apresentam atitudes determinadas e agressivas, sobre as quais exercem pouco controle; não têm empatia e são incapazes de imaginar o que a vítima possa estar sentindo; e também não sentem culpa, freqüentemente acreditando que a vítima “merece” o tratamento agressivo (Johnstone et al., 1991). O que parece faltar é uma compreensão das relações entre características psicossociais tal como estão aqui esboçadas, características socio-estruturais como idade, classe social e gênero, e a influência de diferentes ambientes sociais.

Existem numerosos estudos, a maioria em escolas, que chamam atenção da extensão com que a agressão afeta as vidas de jovens (Besag, 1989; Tattum & Lane, 1989; Olweus, 1993; MacLeod & Morris, 1996; Cantacuzino, 1998; Parnham, 1988). Há evidências de que vítimas de agressões em geral têm mau aproveitamento escolar, faltam muito às aulas e afastam-se socialmente, tornam-se depressivas e desenvolvem baixa auto-estima, ansiedade e insegurança (Johnstone et al.; 1991; Randall, 1998).

O que estamos sugerindo é que a agressão, tal como é caracterizada aqui, ultrapassa e muito os limites das escolas. Porém, a despeito da importância de espaços na periferia para crianças, alguns estudos têm examinado até que ponto a agressão pode afetar a experiência do local e o sentido de inclusão neste ambiente. Recentemente, foi anunciada a iniciativa de conexões orientadas para a política de juventude no Reino Unido (DfEE, 2000), determinando com clareza a necessidade de se reduzir as agressões, sugerindo que esse tipo de problema social já é considerado suficientemente importante por aparecer com frequência em destaque nos registros policiais. Contudo, ainda restam perguntas sobre as medidas realmente efetivas para a prevenção das agressões em todos os arredores.

### **A estrutura social da agressão**

McLaughlin (1993) desenvolve o conceito de “identidades embutidas” para descrever de que maneira jovens utilizam determinado lugar(es) como um meio de desenvolver suas próprias identidades. O que sugere é que a localidade tem grande importância e, até certo ponto, molda a maneira como o jovem cresce. Estas idéias fazem eco à obra anterior de James (1986), que focaliza diferentes formas de expressão cultural que distinguem diversas identidades de grupo. McLaughlin (1993) sugere que a identidade do grupo é mantida pela utilização de marcas, tais como “estilo”, para definir limites para si próprio e para os outros.

James (1986) afirma que estilo cultural dos adolescentes é muito enfatizado em relação ao corpo, de tal modo que as fronteiras do corpo representam as fronteiras do eu. James (1986) continua a argumentar que não é apenas uma questão de como olhar, mas também de como agir “com estilo” através de um desempenho que defina a identidade cultural. O exercício de poder, por exemplo, através de exhibições de machismo, muito comum em garotos adolescentes, é uma das maneiras com que as fronteiras entre o eu e o outro são exploradas, testadas e negociadas.

Porém, existe o perigo de se assumir uma noção universal de masculinidade que caracteriza todos os jovens homens como machos. Em vez disso, tal como Brod & Kaufman (1994) argumentam, a masculinidade é caracterizada pela multiplicidade e diversidade, fora da “cultura” da masculinidade a qual Carrigan et al. (1985) se refere como sendo a “hegemonia da masculinidade”. Quando esses desempenhos são estendidos para vários locais, tais como o lar, a escola e a periferia da cidade, emerge um complexo amontoado de políticas de relações interpessoais e intergrupais, uma expressão de diferenças de poder e identidade entre grupos e indivíduos, e a criação de espaços hegemônicos e regimes tirânicos. Tal como McLaughlin (1993), James (1986) sugere que grupos diferentes utilizam espaços especiais, como, por exemplo, a periferia da cidade, para servir de fórum no qual serão travadas as lutas pela identidade entre o eu e os outros.

Estruturado nessas idéias, Matthews et al. (1998) cunhou a expressão “microgeografias” para diferenciar as culturas espaciais dos jovens. As microgeografias são definidas em termos de “fluxos de significados administrados por pequenos grupos que se encontram diariamente” (Wulff, 1995, p.65) e que surgem de combinações especiais de personalidades, localidades e experiências coletivas. Da mesma forma, Matthews et al. (1998) argumenta que há uma diversidade de microculturas que fornecem a base para a “cultura temporal” (James, 1955), nas quais as pessoas entram e saem.

Diferenças entre grupos não são necessariamente definidas em termos de significados sociológicos tais como idade, gênero, grupo étnico e localização, porém

em termos de determinados grupos de interesses partilhados, comportamentos e circunstâncias que freqüentemente fazem surgir microgeografias de várias camadas coexistindo na mesma localidade.

Existe pouca pesquisa em relação à maneira com que os grupos, cada um com suas microculturas e microgeografias, podem acabar brigando por causa de espaço nos arredores. Estudos de conflitos intergrupais tendem a manter o foco em “eventos espetaculares”, tais como tensões, assédio e violência, que irrompem na “interface” de grupos de jovens distintos racial e etnicamente (Comissão em prol da Igualdade racial, 1987; Keith, 1995; Webster, 1966; Watt & Stenson, 1998).

O que estamos sugerindo, contudo, é que atos de agressão, seja do ponto de vista do agressor ou da vítima, não são, necessariamente, um fato extraordinário ou incomum, mas fazem parte da vida quotidiana de algumas pessoas. Nesse ponto, reconhecemos que algum tipo de agressão é motivado por um desejo de hegemonia social à medida que as fronteiras entre o eu e os outros são examinados e testados, em qualquer ponto das redondezas em que isso ocorra.

Mobilizamos o conceito de “espaço de ponto de encontro” (Percy-Smith & Weil, 2000) a fim de compreender essas lutas de poder entre jovens na periferia. Quando ocorre a agressão, a parte dominante controla ou explora o espaço de encontro pela imposição de seus próprios grupos de regras e valores, em detrimento do outro, minando a autonomia de desenvolvimento e capacidade de se auto-impor. Dentro dessa perspectiva, espaços de encontros não são necessariamente grupos de domínio ou territórios fortemente demarcados, porém espaços fluidos de interação interpessoal. Consequentemente, a agressão pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora numa periferia, não apenas com espacialidade, mas também temporariamente.

### **Abordagem metodológica e pesquisa de locais**

O presente artigo contribui para o desenvolvimento do discurso sobre agressão e ambientes infantis ao provar empiricamente um estudo realizado entre 1996 e 1998 sobre duas periferias urbanas contrastantes, uma delas localizada mais no centro da cidade e a outra nos subúrbios, numa grande cidade de East Midlands, no Reino Unido. A região mais central está localizada numa área de relativa pobreza e múltiplas deficiências sociais. Sua localização física compreende uma rede compacta e mantida de maneira bem humilde. São casas com terraços vitorianos, com pequenas áreas internas típicas. Há uma limitada quantidade de espaço aberto para as crianças brincarem longe das ruas. Em contraste, a área suburbana compreende casas espaçosas, com moradores de classe média, todas elas com jardins, dispostas em becos sem saída e intercaladas por uma extensa área verde. Porém, em ambos os casos, a falta de instalações comunitárias para jovens (por exemplo, alguns parques, clubes, “playgrounds” e instalações sociais) limita o alcance de possibilidades de ambientes locais.

O contato inicial com os jovens foi feito através dos projetos de juventude locais e de encontros fortuitos na rua. Durante os primeiros encontros, os objetivos e os processos de pesquisa foram discutidos, e foi feito um convite solicitando a participação dos jovens. Seguiram-se manifestações demonstrando interesse com visitas nas casas a fim de obter o consentimento dos pais. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, num total de 181 (101 dos subúrbios, 80 do centro) jovens nas portas de suas casas ou dentro das casas (ver Tabela I para uma posterior análise em termos de idade e gênero). Tabela I. Amostra populacional de acordo com idade e gênero

Idade (anos)	Área central			Área suburbana		
	Meninos	Meninas	Total	Meninos	Meninas	Total
10	9	12	21	6	5	11
11	7	3	10	12	6	18
12	10	2	12	9	7	16
13	2	7	9	12	6	18
14	3	4	7	12	8	20
15	13	8	21	7	11	18
Total	44	36	80	58	43	101

Em todas as entrevistas, foi feito um pedido aos pais dos jovens para que estes tivessem privacidade, de modo a assegurar a liberdade para dizer o que quisessem, longe dos ouvidos curiosos dos responsáveis. Isso só ocorreu em dois casos. No final das entrevistas, foi então perguntado aos jovens se gostariam de participar de atividades de pesquisa posteriores, incluindo *tours* guiados por eles, fotografias e desenhos, além de participar de outras entrevistas.

Um total de 24 jovens com idades de 10-15 anos, dividido de acordo com o gênero, estava envolvido na segunda fase da pesquisa em cada localidade. A seleção do segundo grupo de participantes foi baseada em amostragem intencional, de modo a deliberadamente obter diversidade em termos de localização de casas na periferia, culturas espaciais de lazer (em termos de quanto os jovens utilizam do seu tempo livre). Se bem que não deixam de ser problemáticos (por exemplo, em termos da natureza fluida e dinâmica do uso do espaço por parte dos jovens, tempo livre e ligação a grupos iguais), esses critérios, contudo, preencheram os objetivos de obter diversidade na seleção de amostras.

O objetivo da segunda parte da pesquisa era explorar com mais profundidade as questões geradas através de entrevistas semiestruturadas.

Durante toda a duração do campo de trabalho (18 meses) foi mantido um contato regular com jovens nas ruas e nos projetos para a juventude. Observações no comportamento de gente jovem, interação e comunicação estavam registrados em diários de campo.

Nossa participação na qualidade de estranho ao grupo (em idade, não sendo originário de nenhuma das áreas e tendo um programa divergente) causava diferentes desafios em termos de aceitação pelos grupos. Isto era facilitado ao ser registrado como um jovem trabalhador com um claro empenho no projeto, embora disso também emergisse o perigo de confusão para os jovens sobre o papel do primeiro autor como jovem trabalhador ou pesquisador. Em muitos casos, sendo aberto e transparente sobre seus objetivos e também tendo respeito com as pessoas envolvidas, foi possível obter ricos *insights* das microgeografias e entre grupos de jovens. Por motivos confidenciais, todos os nomes foram modificados no texto.

Os dados citados no presente artigo originam-se de um estudo cuja intenção não era estudar agressões na periferia de modo sistemático. Em vez disso, o que está aqui apresentado são *insights* do problema de agressão tal como foi surgindo no decorrer do projeto. A evidência empírica, portanto, não tem a pretensão de representar todos os jovens ou mesmo todos os jovens que experimentaram agressão em todos os locais, mas é capaz de fornecer uma narrativa bastante descritiva de como a agressão é expressa nos contextos de ambientes da periferia.

Esperamos que, ao fornecer *insights* para explicar a natureza do problema, outras pessoas fiquem estimuladas a realizar pesquisas posteriores neste contexto.

### **Agressões na periferia**

Neste estudo, 46% dos jovens na área mais central e 27% daqueles na área suburbana declararam que outros jovens da periferia os tinham agredido de alguma maneira. Além disso, os restantes 11% daqueles da área mais central e 15% das amostragens dos subúrbios alegaram que haviam modificado seu comportamento, como resultado das agressões ocorridas na região. Nesta seção fornecemos evidência das diferentes maneiras nas quais a agressão ocorre em seus variados tipos e modelos de espaço, examinamos suas dimensões sociais e refletimos sobre o dilema com o qual os jovens respondem a esse tipo de problema.

### **Tipos de agressão**

Em sucessivas entrevistas com jovens sobre as experiências da vida nos arredores, começamos a perceber medos e dilemas que caracterizaram para muitos jovens o uso dos espaços da periferia. A agressão, predominantemente perpetrada por adolescentes mais velhos, sempre voltava, como um problema recorrente, manifestada de diversas maneiras. Destacamos quatro tipos mais comuns. Primeiro, há o “desmancha-prazeres”, em que crianças mais velhas interrompem jogos de crianças mais novas com a intenção de acabar com a brincadeira ou tomar conta da situação.

*“Há muitos outros tipos de agressão. Crianças mais velhas na Rua West... roubam nossa bola e chutam para bem longe, para onde não se possa alcançá-la.”* (Declaração de um menino de 12 anos)

*“Uns caras mais velhos às vezes jogam futebol quando a gente está brincando, e a gente não quer eles lá.”* (Menino de 11 anos)

*“Lá na Rua Craven tem o Adam e o Luke... e também seus amigos, o Mickey e aquele outro garoto... o Jamie, é isso, eles ficam aqui rondando o tempo todo e se você for lá e tiver uma bola de futebol... vão dizer assim ‘vou zunir com esta bola para longe’ e se você reagir vão bater em você. Não há escolha. Foi como aconteceu uma vez, estava brincando de amarelinha e eles chegaram e apagaram tudo.”* (Menino de 13 anos)

*“Gosto de jogar futebol nesta área, mas algumas vezes uns garotos mais velhos chegam e estragam todas as brincadeiras.”* (Menino de 11 anos)

Um segundo tipo de agressão envolve “extorsão”, quando crianças ou são ameaçadas ou sofrem coerção para tomar parte em algum tipo de comportamento anti-social:

*“Tinha esse grupo do lado de fora da loja e eles viram a gente ir pegar uns doces e quando saí, eles vieram e disseram: ‘a gente vai querer alguns também e se não derem vão levar uns bons chutes.’”* (Menino de 11 anos)

*“Uns garotos bem parrudos lá no começo da rua pedem dinheiro a você e, se não ganham, seguem você até a sua casa.”* (Menina de 13 anos)

*“Os garotos grandes, Adam e Luke, lá no início da rua, pedem dinheiro e doces e ficam atrás da gente, sem dar sossego...”* (Menino de 11 anos)

*“Uma vez eu estava na loja e Adam e Luke foram expulsos de lá... mas conseguiram entrar e encheram os bolsos de doces, bebidas e tudo o mais e ainda ameaçaram quebrar nossas pernas se contássemos alguma coisa, por isso a gente não falou nada.”* (Menino de 13 anos)

*“Meninos mais velhos pedem que a gente roube para eles, e quando a gente tenta se afastar eles vão atrás e dizem: ‘Vamos bater em vocês se não fizerem o que a gente quer’”* (Menina de 10 anos)

Uma terceira forma de agressão envolve “intimidação”, quase sempre sem nenhum outro objetivo além de servir de divertimento para o intimidador. É um tipo de agressão que envolve sarcasmos, insultos, ameaças e safanões:

*“Estava caminhando pela rua e outros garotos começaram a me empurrar e a me provocar, e começaram a me bater.”* (Menino de 10 anos)

*“Os adolescentes na Rua West ficam em grupinhos, batendo nos nossos amigos, empurrando a gente.”* (Menino de 12 anos)

Um quarto tipo de agressão é “xingar”, sendo esse o tipo mais usado com as meninas:

*“Às vezes os garotos mais velhos na Rua West nos ameaçam. Começam a dizer palavrões e esse tipo de coisa.”* (Menina de 10 anos)

*“Esses garotos ficam me xingando o tempo todo... me chamam de elefante e dizem que minhas roupas fedem, me chamam de queijo fedorento.”* (Menino de 12 anos)

*“Odeio passar pelo parque. Há uma gangue de meninas da Brodway que me detestam... gritam e me xingam o tempo todo, falam coisas desagradáveis... tento ficar longe.”* (Menina de 13 anos)

Em casos como esses, a motivação dos intimidadores parece estar baseada num desejo de causar perturbação, possivelmente como uma maneira de se divertir, mais do que por qualquer outra razão. Parece haver algum tipo de predisposição psicossocial por trás do comportamento dos agressores, mas um *insight* posterior para saber como a agressão acontece está fora do âmbito deste artigo. A intenção aqui é enfatizar algumas das dimensões espaciais para as agressões na periferia.

### **Espacializando a agressão.**

Duas características espaciais encontram-se bem evidentes. Primeiro, a agressão prevalece mais na área mais central (57%), em comparação com a área suburbana (42%). A explicação é difícil e multifacetada, mas seu ponto crucial pode estar no grande número de jovens andando nas ruas dentro da área urbana central, junto com uma falta geral de oportunidades sociais, uma afinidade mais próxima de diferentes grupos de jovens, cada qual com sua própria microcultura e, em alguns, uma sensação de tédio, característica repetidamente identificada através de discussões informais. Em comparação, os jovens dos subúrbios têm mais espaço para se encontrar e desenvolver suas próprias identidades, e provavelmente recebem mais apoio dos pais para ingressar em clubes e outras organizações. Em conseqüência, a agressão diminuiu para grande parte das crianças suburbanas, apresentando uma tendência de se restringir à minoria de jovens que passavam a maior parte do tempo vadiando pelas ruas.

Kidscape (1998) descobriu que aqueles que agridem provavelmente também já foram agredidos. Tal comportamento pode ser perpetuado em contextos locais específicos. Poderia se levantar a importância da classe social como uma variável, porém, já que outros jovens na mesmo grupo socio-econômico não agridem necessariamente, isso parece ser uma variável explicativa inadequada. Em vez disso, o que parece mais relevante são os fatores psicossociais tais como baixa estima, insegurança e capital cultural e social limitados. Casos citados neste estudo apoiam fortemente o significado desses fatores: contudo, já que a agressão e as características psicossociais da vida dos jovens relacionadas a seus antecedentes

familiares não estavam sendo enfocadas *a priori* neste estudo, essas afirmações iriam requerer uma pesquisa mais demorada.

Em segundo lugar, dentro de cada região havia áreas especiais onde a agressão era mais comum, embora a maioria fosse esporádica, espontânea e mais dependente de encontros sociais do que em locais. Em ambas as áreas, parques (20% e 36%), corredores de shoppings (29% e 10%) e ruas locais (68% e 25%) sobressaíram. Todos esses são locais onde grupos diferentes de jovens se encontram para ficar longe dos olhos dos adultos. Sem adultos, esses espaços tornam-se anárquicos, onde diferentes regras sociais podem ser desafiadas e reanimadas. Portanto, em suas várias tentativas de abrir e ocupar seu próprio espaço social, surgem conflitos típicos de interesse. Nesse sentido, a agressão pode se tornar um caminho no qual identidades espaciais e sociais podem ser estabelecidas e impostas em normas de comportamentos sociais “convencionais”.

### **Dimensões sociais da agressão**

Birkett (1998) sugere que a agressão freqüentemente ocorre entre amigos, baseando-se no fato de que o agressor conhece os pontos fracos da vítima. A agressão levada no nível da periferia assume uma dinâmica diferente na qual os “pontos fracos da vítima” têm relação com o fato de ela ser mais jovem e/ou menor, ou estar sozinha e, portanto, vulnerável à intimidação. Dos que alegaram haver sofrido agressões, 87% pertencem à área mais central e 70% dos subúrbios, e mencionaram que garotos mais velhos ou gangues eram os agressores. Enquanto era mais comum que meninos sofressem agressões de outros meninos, as meninas declararam ter sido agredidas por meninos e meninas. Isto sugere uma importante dimensão de gênero à agressão.

Os resultados também mostram que as meninas, em geral, têm menos tendência a sofrer agressão do que os meninos. Na área mais central da cidade, 36% das meninas, comparando-se com 64% dos meninos, haviam sofrido agressão. Na área suburbana, 45% das meninas, comparando-se com 55% dos meninos. Estas descobertas contrastam com um recente estudo (Kidscape, 1998) que demonstra que 70% daqueles que sofreram agressão eram mulheres. A diferença, contudo, pode ser explicada pelo contexto situacional. O estudo de Kidscape foi baseado amplamente em experiências institucionais, onde meninos e meninas são vistos da mesma maneira, enquanto na periferia urbana, objeto deste estudo, é menos provável que se encontre tantas meninas na rua.

### **Estratégias para limitar agressões**

Aqueles que se sentem ameaçados com a probabilidade de agressão precisam saber que muitos dos entrevistados conseguiram se salvar por meio de estratégias que evitavam o contato social e espacial.

*“Simplesmente não vou mais lá... não vale a pena... eles me pegariam.”*  
(Menino de 13 anos)

*“Se vejo um grupo, mudo de lado... se você passar perto de um grupo de adolescentes, provavelmente eles vão puxar conversa e querer encrenca, então o melhor é ficar bem longe...”* (Menina de 10 anos)

*“Ficamos longe das lojas... tem sempre uns garotos mais velhos que se reúnem por lá... ficam encostados na parede... parece que é um tipo de tradição e, quando passamos, eles gritam, atiram garrafas na gente...”* (Menina de 11 anos)

Contudo, na pequena e compacta periferia da área central, nem sempre é possível evitar totalmente esses locais, especialmente devido ao número limitado de

oportunidades de ambientes. Uma menina de 10 anos (Nicola) teve vontade de ir para “o campo” – uma dos poucos espaços verdes da periferia – mas foi impedida de fazê-lo por causa da presença de uma das gangues da redondeza. Nicola disse que tinha levado sua irmã de 2 anos (que sofria de paralisia cerebral) para que pudessem brincar numa das poucas áreas gramadas da região, mas foram impedidas por uma gangue de meninos que ameaçaram jogar sua irmã no rio. Ela também contou que numa outra ocasião um membro da mesma gangue tinha agarrado seu irmão e apertado sua garganta, ameaçando-o. Para essa menina, a qualidade daquele local foi severamente minada pela tirania dos outros jovens. Nicola foi até persuadida a não ir mais ao clube de jovens por causa da presença de gangues de rua. Sua última estratégia foi recolher-se dentro de casa.

Ironicamente, um dos meninos implicados nesta história também falou dos problemas que teve ao ser agredido por garotos mais velhos:

*“Fui perseguido por Adam e Luke... na Rua West... quando estou andando eles simplesmente vão atrás de mim e me irritam de uma maneira incrível. Então sempre me certifico se eles não estão por perto antes de passar por lá.”* (Menino de 11 anos).

Esse método de evitar os encontros não está apenas restrito às crianças das áreas mais centrais, como relata esse menino do subúrbio:

*“Uma vez a gente estava lá pela Mac’s Field e alguns garotos estavam xingando a gente e então fomos atrás deles. Então, uns rapazes de 17 anos se aproximaram e disseram: ‘Vocês vão ter que bater na gente antes de bater neles.’ Então a gente não pode ir mais lá. É chato porque era o meu local preferido. No verão eu ia lá todo dia.”* (Menino de 12 anos)

Estratégias para evitar certos locais minam o direito dos jovens de usar o espaço público, limitando a capacidade da periferia como recurso recreacional e acabando com as oportunidades de os jovens freqüentarem o local. Conseqüentemente, mesmo sendo uma resposta imediata para o problema, as estratégias de se evitar certos locais não são soluções eficientes para combater o problema e manter um ambiente onde as crianças possam crescer e se desenvolver em segurança.

### **Implicações para políticas e experiência**

Quando iniciamos o projeto do qual esses resultados foram obtidos, não tínhamos a intenção de expor essas geografias do medo. Pelo contrário, estávamos interessados na maneira como jovens encaram seu mundo cotidiano e o papel desempenhado por determinados locais e ambientes na sua vida (Percy-Smith, 1999). Porém, em conversas e discussões, diversos grupos de jovens logo lembraram episódios de agressões na periferia da cidade e repetidas vezes expressaram sua ansiedade sobre a maneira como a presença de gente hostil minava suas experiências de freqüentar o local.

Em nosso entender, esses lugares não são específicos, e quando jovens se juntam em locais não regulados por adultos, onde há pouco clima da comunidade para a interação social além da rua, a confrontação se torna um acontecimento rotineiro.

Resumindo, a proximidade da coexistência de microculturas díspares parece gerar oportunidades para a colisão social. Contudo, enquanto na agressão escolar se reconhece um problema social difundido, que exige diversas formas de intervenção, a agressões na periferia, talvez devido à sua natureza “oculta” e pouco documentada, não recebeu ainda um tratamento sistemático. No restante desta

seção examinamos algumas das estratégias utilizadas para lidar com problemas de agressões e levantamos questões de como elas podem ser usadas no contexto da periferia.

No Reino Unido, desde a metade do anos 80, a organização Kidscape tem feito uma campanha ativa em prol do “direito da criança à segurança” (Wyness, 2000 ). Tal como no Programa de Segurança do Direito Holandês e no Projeto de Prevenção contra ataques à criança americana, há uma ênfase em fazer com que os jovens discutam seus sentimentos e ansiedades com amigos, confiando em adultos e fazendo com que as crianças possam se proteger. Essas iniciativas deram origem a uma série de projetos de mediação, por meio dos quais crianças são encorajadas a desempenharem o papel de pacificadores.

Em oposição a estereótipos comuns, estratégias desse tipo têm mostrado que crianças (a partir de 6 anos de idade) não são “inocentes incapazes de desempenhar um papel pleno na sociedade” (Wyness, 2000, p. 115 ), e sim atuantes capazes e competentes, com uma aguda compreensão do comportamento abusivo. A ênfase, contudo, tem sido dada a uma prática que é iniciada na escola e na mediação apoiada pela equipe através de uma instituição. Porém, fora dos limites da escola, estratégias antiagressão são com frequência *ad hoc* e realizadas gradativamente, sempre dedicadas a apenas um ou a projetos especiais ou programas de educação orientados para a juventude e poderão ter um impacto limitado além do âmbito do projeto. Realmente, no Reino Unido, não existe uma estratégia nacional antiagressão ou uma prática que envolva toda a comunidade e que se estenda consistentemente para todos os ambientes e locais.

O presente artigo não se encontra em posição de fazer recomendações autorizadas para lidar com problemas de agressão na periferia das cidades. Para isso, seria necessário o envolvimento dos próprios jovens, apoiados por um trabalho coordenado por eles, uma explanação dirigida à comunidade e a formação de um programa inter-agente de autoridade local para pesquisar quais as medidas necessárias e que capacidade estaria disponível em contextos específicos para apoiar o desenvolvimento de uma iniciativa antiagressão como parte de uma abordagem envolvendo toda a comunidade (Byrne, 977).

A falta de evidência sobre tais iniciativas significa que é difícil prescrever o que seria uma abordagem apropriada. No entanto, a evidência disponível de exemplos da abordagem envolvendo a escola como um todo para lidar com agressões, sugere que a experiências de tais iniciativas é válida no processo de tomar medidas apropriadas para lidar com os problemas de agressão na comunidade como um todo.

Os tipos de ação possíveis incluem o desenvolvimento de redes de apoio, serviços de aconselhamento e iniciativas de mediação, sustentadas pelo trabalho dos jovens e de seus preceptores, e com base na comunidade. A vítima e o agressor são reunidos para apresentar suas próprias versões e, com uma pequena ajuda do mediador, examinar o motivo oculto do episódio de agressão e auxiliar na criação de algum tipo de resolução para o problema, perguntando aos envolvidos o que acham do caminho a seguir.

Olweus (1993) também reconhece o valor desse tipo de aprendizado cooperativo no qual se encoraja os indivíduos a aceitarem mais, sendo mais positivos em relação ao outro, sendo mais prestativos, apoiando mais e desafiando atitudes preconceituosas. Porém, como lembra Griffiths (1997), esses tipos de abordagens dependem do compromisso voluntário de ambas as partes e isso pode

não ser fácil de conseguir, especialmente se os pais do agressor/agredido se recusarem a perceber ou a se responsabilizar pelo problema.

Em processos de nível mais amplo, o aprendizado também pode ser utilizado para envolver jovens, membros da comunidade e agências locais em exercícios de ação investigativa de colaboração local. Estes fornecem uma oportunidade para as comunidades se tornarem mais alertas para o problema, para que as vítimas saibam que são apoiadas e para que as crianças, em parceria com moradores locais e agências, reúnam estratégias comunitárias realistas para responder às ocorrências de agressão quando elas surgirem. Esse tipo de envolvimento direto permite uma maior probabilidade de as vítimas confiarem no apoio da comunidade e de os agressores começarem a aprender que cada vez se torna mais difícil cometer tais atos sem que haja repercussão.

Existe ampla evidência quanto à capacidade e à motivação dos jovens em processos de desenvolvimento comunitário (Williamson, 1995; Cannan & Warren, 1997; Hart, 1997; Adams & Ingham, 1998) e ao valor de tal atividade colaboradora para ajudar a mediar os efeitos da alienação e exclusão entre jovens. Em Northampton, por exemplo, novas abordagens para intervenções progressivas de jovens envolvendo parcerias de multi-agências estão sendo desenvolvidas para tentar interromper ciclos de crimes e comportamento anti-social entre os grupos. As abordagens influenciavam e desafiavam os participantes sobre seu comportamento, enquanto forneciam atividades alternativas de acordo com as necessidades e interesses deles.

Em relação a agressões, essas experiências oferecem idéias possíveis e material para futura pesquisa. Existe especialmente a necessidade de uma pesquisa de ação, tal como a realizada, por exemplo, pelo Centro para Aprendizado Social e Organizacional (SOLAR) ([www.northampton.ac.uk/solar/](http://www.northampton.ac.uk/solar/)) no Reino Unido, que, através de processos de aprendizado de colaboração social e ação comunicativa com jovens, agências e membros da comunidade, foi capaz de explorar, gerar e desenvolver novas e possivelmente desconhecidas estratégias baseadas na comunidade para responder às agressões.

## **Conclusão**

A agressão é um problema significativo da periferia das cidades, que obscurece a vida de muitos jovens. Sugerimos não considerar a agressão dessa natureza como um assunto excepcional, já que para alguns é uma experiência diária. Apesar do pânico moral, que é estimulado pela ansiedade dos pais a respeito da vulnerabilidade dos jovens aos ataques ou à intervenção de adultos, a evidência deste estudo mostra que as crianças freqüentemente correm mais riscos do que os jovens da mesma periferia. A incidência das agressões, no entanto, é mais provável em determinadas áreas, especialmente naquelas com altos níveis desproporcionais de desvantagem social e limitado capital social.

Muitos exemplos de agressões são o resultado de conflito entre grupos, cada qual com sua microcultura (e microgeografias, em locais de encontros onde indivíduos tentam criar e incrementar diferenciais de poder a fim de fortalecer seu próprio status e identidade. Mostramos que os efeitos das agressões na periferia, acima do trauma psicológico, têm impacto negativo na experiência de usar os espaços, buscar oportunidades e qualidade de vida local. Destacamos a necessidade de estratégias locais para lidar com estas agressões, especialmente por meio de abordagens envolvendo processos de aprendizado social cooperativo. O desafio para futura pesquisa (ação) é investigar quais abordagens envolvendo a

comunidade como um todo poderão vir a ser utilizadas na prática, e de que maneira dilemas inevitáveis para alcançar sucesso a partir de tais processos serão vencidos.